



**Relato de experiência de princípios agroecológicos desenvolvidos na Pedagogia da  
Alternância da Casa Familiar Rural de Breves**

Jeovani de Jesus Couto<sup>1</sup>  
Mário Médice Barbosa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestranda em Desenvolvimento Rural do Instituto Federal do Pará (IFPA) – Campus Castanhal e assessora pedagógica; [gilcoute2010@hotmail.com](mailto:gilcoute2010@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História, professor do Programa de Pós-Graduação do IFPA – Campus Castanhal e orientador, [mario\\_zonia@hotmail.com](mailto:mario_zonia@hotmail.com)

**RESUMO**

Este artigo consiste num relato de experiência realizada na Casa Familiar Rural de Breves, localizada na Reserva Ambiental do Mapuá, Arquipélago do Marajó, apresentando estratégias de ensino apoiadas na Pedagogia da Alternância, na qual se utiliza o enfoque agroecológico como matriz interdisciplinar. A Agroecologia como princípio pedagógico é elemento preponderante da pesquisa-ação-reflexão dessa experiência na interface dos tempos educacionais.

**Palavras-chave:** Alternância; Agroecologia; Identidade.

A primeira experiência com escolas rurais, especificamente da região ribeirinha marajoara, ocorreu através da formação de professores no intuito de conhecer a realidade e intervir de forma significativa. Entretanto, essas escolas estavam impregnadas de valores urbanocêntricos (seus “carbonos”/cópias de planejamento e suas perspectivas lineares não deixavam que novas propostas surgissem). Houve avanços, sim, mas o método não conseguia transpor barreiras que estavam enraizadas na identidade urbana dos professores. No decorrer do tempo, compreendeu-se que propor alternativas de mudança no processo educacional rural exige mais que metodologia. A partir da compreensão do todo, e isso é mais do que a soma das partes, se quisermos entender como a escola rural deve ter parâmetros nas e das áreas rurais, é importante compreender em que contexto elas estão inseridas, como funcionam os estabelecimentos agrícolas, e abordá-las de forma holística.

Para tanto, é preciso (re)significar espaços e encaminhar um diálogo, uma comunicação entre saberes e docência. A Pedagogia da Alternância proposta pela Casa



Familiar Rural (CFR) de Breves proporcionou esse debate, pois a interação entre Tempo-Escola (TE) e Tempo-Comunidade (TC) evoca aprendizagens em que há a relação concatenada entre conhecimento empírico e científico, encontro de saberes que se entrelaçam como fios de um mesmo novelo.

Entre as proposições encontradas nas Ferramentas Pedagógicas da CFR, temos a Pesquisa Participativa, na qual se observa quem são os alunos e sua família, as comunidades a que pertencem e suas atividades produtivas. A partir desses resultados, emergem os temas gerados na realidade para se compor o Plano de Formação. Outra ferramenta essencial é o Plano de Estudo (PE), elemento este que integra TE e TC.

A partir da pesquisa encaminhada pelo professor-mediador, propõe-se a colocação em comum, representando o relato dos textos produzidos pelos educandos, no qual se evidencia o que o educando conhece e o coletivo do que ele conhece. Emergem, desse modo, sugestões, análise representativa da realidade rural da Reserva Extrativista Mapuá, especificamente ribeirinha, e valores florestais, por ser constituída por rica biodiversidade.

Contraditoriamente, a maioria dos trabalhadores rurais tem no monocultivo sua atividade, mas a CFR de Breves surgiu para o enfrentamento desses fatores. A questão é: como potencializar atividades que historicamente sempre foram secundárias nos lotes familiares? A CFR de Breves tem aprofundado esse questionamento experienciando nas unidades de estudo e produção, sistema agroflorestal, horticultura, suinocultura, mandala, bosque dendrológico, entre outros, com materiais alternativos e de fácil manuseio. A partir dessa experiência, os educandos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio integrado dialogam, com suas famílias, alternativas além da produção isolada da farinha de mandioca, extração madeireira e/ou colheita do açaí nativo em época de safra.

Os princípios agroecológicos como roça sem queima, cobertura do solo, sistema agroflorestal, entre outros e até questões contraditórias, geram temas interdisciplinares que são trabalhados não somente na parte diversificada, mas também no núcleo comum a partir das áreas do conhecimento: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências Naturais, Ciências Ambientais e Ciências Agrárias.

Educar a partir de princípios agroecológicos não é tarefa fácil e exige conhecimento, reciprocidade, coletividade e esperança. Sim, esperança, porque em educação toda mudança é um processo. Para isso, é fundamental a perseverança e a



confiança no outro e em si mesmo, dinamizando a coletividade. A interdisciplinaridade é possível desde que educadores e educandos se sintam desobrigados de assumir uma postura disciplinar que foram obrigados a carregar durante toda uma trajetória escolarizada. Esse é o primeiro passo, o segundo é ter planejamentos frequentes, além de acreditar na Agroecologia como ferramenta de debate entre saberes e docência.

Outro desafio é os educadores assumirem uma postura de aprendiz. Isso quer dizer que profissionais que foram formados para atuarem em uma disciplina encaram uma oportunidade de aprender no diálogo com outras disciplinas partindo da reflexão de temas gerados nas vivências dos educandos. O ápice de tudo isso é a construção do Projeto Profissional do Jovem (PPJ), estruturado no último ano do Ensino Médio. No PPJ, os educandos têm a oportunidade de estudar, analisar e intervir nos seus lotes como um todo, exercitando o olhar sistêmico holístico. Percebe-se que não existem projetos prontos, mas uma animação mediada por um educador da área de ciências agrárias e integrada a outras disciplinas buscando extrair das próprias pesquisas dos educandos as unidades didáticas que vão dar os rumos do projeto. Essas pesquisas revelam a relação empírico-científica do TE/TC.

No decorrer dessa interlocução, acontecem as partilhas dos saberes, quando os temas gerados ao longo do ano letivo são socializados com as comunidades das quais os educandos fazem parte. Devolver para as comunidades os resultados das alternâncias pedagógicas é garantir que a pesquisa-ação-reflexão aconteça de fato. O objetivo é que as comunidades sintam que as indagações levantadas pelos educandos no momento do TC foram preponderantes para a construção do conhecimento e que, uma vez discutidas, analisadas e somadas a outros conhecimentos acumulados pela humanidade, podem ajudar trabalhadores e trabalhadoras rurais a se organizarem, criando estratégias de produção e escoamento de forma sustentável.

Quando se inicia a animação do Plano de Estudos (PE) a partir de um dado tema, os educadores de diferentes áreas do conhecimento começam a pensar o tema na sua totalidade e vão especificando de acordo com a sua necessidade. A partir do momento que essa animação vai para a sala de aula, os educandos começam a fazer as indagações de suas vivências contextualizadas através do conhecimento científico.

Esse pressuposto educacional está embasado nas características dos sistemas de produção ligados às especialidades locais: o contexto humano e biofísico é o desafio interdisciplinar enfrentado. Mas essa assertiva não quer dizer que seja simples, esse



todo é complexo, há desentendimentos, há problemáticas, há uma série de situações levantadas, pois foge da lógica disciplinar compartimentada.

O estudo dos lotes familiares não é um fim, mas possibilita estudá-los para observar suas potencialidades rumo a um processo agroecológico, para ajudar a potencializar esses espaços rurais e ajudar os jovens estudantes e trabalhadores rurais a dar sentido ao que eles aprendem na instituição de ensino. Ao desenvolverem pressupostos agroecológicos, defendem o estudo dos fenômenos notadamente ecológicos dentro do campo dos diversos subsistemas, enfoque este ligado ao ambiente e à sociedade, no intuito da valorização do saber local, autonomia dos agroecossistemas, diversificação da produção e manutenção da biodiversidade.

Ter a Agroecologia como princípio educativo é um elemento poderoso não só para ter processos interdisciplinares mais fortalecidos, mas também para aumentar a produção de alimentos garantindo a segurança alimentar. Essa via de mão dupla é o que torna as dinâmicas no meio rural ribeirinho um importante aporte teórico e de práxis educativa.

As experiências demonstram que a educação no meio rural não precisa ser urbanocêntrica, ela possui identidade própria, pois as estratégias interventivas diferem dependendo do aspecto natural, social e cultural da realidade pesquisada. A Pedagogia da Alternância não é a opção “salvadora de todos os males”, porém é uma ação interessante ao oportunizar não só o ensino, como se a escola fosse isolada por um campo de força, mas também o desenvolvimento rural sustentável no intuito de gerar espaços de discussão e debate agroecológico com empoderamento social e propostas de intervenção.

Para tanto, muitos mecanismos tiveram que ser mudados na CFR de Breves. Para se atender ao que a pedagogia propõe, tiveram que ser construídos diários de classe de acordo com a metodologia, alteraram-se as formas de ensino por áreas de conhecimento, e, em alguns momentos com mais de um professor em sala, a animação do PE com todos os professores em sala. Isso também é um elemento preponderante do processo interdisciplinar, em que se observam os temas gerados com proposições agroecológicas sendo mediados pelos professores e, a partir dessa mediação, os educandos construindo suas próprias indagações de pesquisa.

O resultado disso está sendo organizado para ser oferecido como material didático tanto para os educandos quanto para os comunitários. Algumas outras ações já



estão visíveis no cotidiano das salas de aula. O simples fato de redirecionar a forma de ensinar ressignificando o que antes era naturalizado, porém não discutido no âmbito escolar, é uma forma de pôr em xeque a estrutura curricular tradicional.

Partindo desse pressuposto, com alternância pedagógica e enfoque agroecológico inicia-se um processo novo no âmbito do município de Breves, viabilizando reflexões, teorias, análises e intervenções que provêm das identidades dos sujeitos e de como as pessoas de um lugar rural ribeirinho estão inseridas em questões mais sustentáveis a partir do que as comunidades demandam e do que a CFR consegue sistematizar nessa interlocução de saberes.



Figura 1 - Casa Familiar Rural de Breves.



Figura 2 - Bosque dendrológico.

